Laura Bellini



# *Diga sem fazer piada*

Nem tudo o que realmente importa
pode virar brincadeira

# Diga sem fazer piada

## Nem tudo o que realmente importa pode virar brincadeira

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384902370

ALL-IN Rafał Płonkowski



# ÍNDICE

INTRO ..... 4
Capítulo 1 - O preço de uma boa piada final..... 11
Capítulo 2 - As regras do jogo..... 22
Capítulo 3 - O silêncio que não estava no roteiro ..... 32
Capítulo 4 - Fora do alcance dos microfones ..... 43
Capítulo 5 - O direito de dizer não ..... 55
Capítulo 6 - Sem uma resposta preparada..... 67
Capítulo 7 - Entre uma palavra e outra..... 79
Capítulo 8 - Do outro lado da luz..... 90
Capítulo 9 - Tudo aquilo que não pode ser gravado novamente.....102
Capítulo 10 - Sem plateia..... 114
Capítulo 11 - As regras que não colocamos no papel.....128
Capítulo 12 - A mensagem que não podia ser ignorada.....139
Capítulo 13 - As condições que não estavam no contrato .....153
Capítulo 14 - A verdade no meio do caminho.....164
Capítulo 15 - Uma decisão tomada em silêncio.....176
Capítulo 16 - Uma distância maior que os quilômetros .....190
Capítulo 17 - Com minha própria voz ..... 202
Capítulo 18 - Uma conversa sem roteiro .....212
Capítulo 19 - O que permanece depois da última cena..... 224
Capítulo 20 - Diga sem fazer piada..... 234

# INTRO

Pela primeira vez em quinze anos, escrevi uma cena em que ninguém dizia nada engraçado.

Eu estava sozinha no estúdio de rádio, em Wrocław, olhando fixamente para duas páginas de um roteiro impresso. Do outro lado do vidro da sala de controle, luzes verdes permaneciam acesas, enquanto o ar-condicionado fazia um barulho parecido com o de alguém que queria muito suspirar, mas não podia por causa das obrigações profissionais. Eram sete e quarenta da noite, quase toda a equipe já tinha ido embora, e eu acabara de cometer o crime mais grave da minha carreira como roteirista de comédia: permitir que uma personagem dissesse a verdade.

— Eu te amo — li em voz alta.

As palavras soaram estranhas. Não porque eu nunca as tivesse pronunciado. Pelo contrário, eu as conhecia perfeitamente, assim como conhecia todas as maneiras possíveis de esvaziá-las de significado logo em seguida.

Minha personagem, Marta, deveria acrescentar, depois daquela declaração, que estava falando, é claro, do amor que sentia pela cozinha recém-reformada. O público deveria rir. O parceiro dela responderia com uma piada sobre o financiamento imobiliário. Depois viriam a música, os comerciais e o próximo episódio.

Esse era o plano.

Só que eu tinha riscado a piada final.

Fiz isso conscientemente, de caso pensado e contrariando três observações editoriais que havia recebido naquela tarde.

Uma mensagem de Iga apareceu na tela do meu celular. Minha melhor amiga era a única pessoa que sabia que, havia alguns meses, eu estava preparando algo além de novos episódios de romances radiofônicos com piadas pelo meio.

E aí? Você contou para eles?

Respondi que ainda não.

Ou seja, tudo como sempre. A grande Aldona Mróz, capaz de fazer metade da Polônia morrer de rir, mas incapaz de pedir aquilo que realmente quer.

Sorri a contragosto.

Iga tinha aquela característica irritante de acertar exatamente o ponto sensível sem precisar construir nenhum suspense.

Havia seis meses, eu trabalhava em uma audiossérie autoral que não precisava de risadas gravadas nos momentos certos. Era uma história sobre duas pessoas que se encontravam tarde demais, faziam escolhas erradas e só aprendiam a conversar quando suas desculpas começavam a acabar. Eu já tinha o roteiro do episódio piloto pronto, o interesse inicial de uma pequena produtora independente e economias suficientes para passar alguns meses sem aceitar qualquer trabalho que aparecesse.

Só me faltava coragem para deixar o programa que havia me tornado conhecida.

Sobre a mesa, havia um envelope com a carta de rescisão do meu contrato de colaboração. Eu tinha assinado o documento na noite anterior, depois de uma taça de vinho tinto e uma longa conversa com meu próprio reflexo no espelho do banheiro.

Decidi entregá-lo na manhã seguinte.

O que eu não tinha previsto era que alguém resolveria mudar meus planos ainda naquela noite.

A porta da sala de controle se abriu sem aviso.

— Eu sabia que encontraria alguém aqui que não respeita o horário de trabalho.

Levantei os olhos.

Na porta estava um homem de camisa escura, com as mangas dobradas e um casaco apoiado sobre o antebraço. Tinha os cabelos escuros cortados curtos, alguns fios prateados nas têmporas e o rosto de alguém que raramente se apressava, provavelmente porque eram os outros que precisavam se adaptar ao seu ritmo.

Eu não o conhecia pessoalmente, mas o reconheci na mesma hora.

Błażej Ryba.

Quarenta e dois anos, produtor de rádio, responsável por vários programas elogiados pela crítica e por um que eu detestava profundamente. Havia um mês circulavam rumores de que ele assumiria a supervisão da nossa faixa de programação.

Aparentemente, os rumores não mencionavam seu gosto por visitas inesperadas.

— Se está procurando alguém que respeite o horário de trabalho, recomendo o departamento de contabilidade — respondi. — Eles vão embora pontualmente e nunca riem dos meus textos.

Em vez de retribuir a brincadeira, ele olhou para as páginas impressas à minha frente.

— Senhora Mróz?

— Depende de quem está perguntando e se trouxe uma carta de demissão.

— Błażej Ryba.

— Eu sei. O senhor tem um sobrenome perfeito para um programa de humor no rádio. Seria uma pena não aproveitar.

Ele recebeu o comentário com um leve erguer de sobrancelhas, mas não sorriu imediatamente. Só quando deixou o casaco sobre o encosto de uma poltrona percebi um pequeno movimento no canto de sua boca. Não parecia um sorriso de cortesia. Parecia mais o sinal de que acabara de decidir que não facilitaria as coisas para mim.

— Posso? — perguntou, apontando para o roteiro.

— Depende. Pretende ler ou corrigir?

— Primeiro, ler.

Entreguei-lhe as folhas. Ele permaneceu por alguns instantes junto à mesa de som, percorrendo as linhas com os olhos. Tinha as mãos tranquilas e lia sem aquela pressa nervosa ao virar as páginas, com a qual os produtores geralmente demonstravam o quanto seu tempo era precioso.

O silêncio se prolongou de maneira insuportável.

— Está faltando a piada final — disse, por fim.

— Eu sei.

— De propósito?

— De vez em quando, tomo decisões conscientes.

Ele ergueu os olhos por cima da folha.

— Por que a senhora a retirou?

Eu poderia ter respondido com uma piada. Tinha pelo menos quatro prontas na cabeça, todas disponíveis para uso imediato. Uma era sobre a inflação, outra sobre a qualidade

dos casamentos modernos, a terceira envolvia nosso patrocinador, e a quarta era tão indecente que até Iga me mandaria pensar duas vezes.

Não usei nenhuma.

— Porque ela realmente o ama — respondi.

Błażej abaixou as folhas.

— Eu sei.

Aquelas duas palavras me surpreenderam mais do que toda a sua visita inesperada.

— Como sabe?

— Porque li as cenas anteriores. Em cada uma delas, ela tenta dizer algo importante para ele, e ele muda de assunto. Quando finalmente reúne coragem, a senhora faz com que ela brinque sobre a cozinha. Seria um desperdício estragar esse momento.

Durante alguns segundos, fiquei olhando para ele sem dizer nada. A maioria dos produtores falava sobre ritmo, diálogos envolventes e estratégias para manter os ouvintes até o intervalo comercial. Aquele homem tinha percebido algo que eu sequer havia discutido com minha editora.

— Nossos ouvintes esperam uma comédia — lembrei.

— Isso significa que não podem ouvir uma declaração verdadeira?

— Podem. Mas, na maioria das vezes, alguém imediatamente acrescenta uma piada.

— E a senhora?

Eu sabia que ele estava perguntando sobre o roteiro. Mesmo assim, tive a sensação de que sua pergunta dizia respeito a algo muito mais pessoal.

— Eu sou paga para fazer isso.

Dessa vez, ele sorriu. Devagar, sem pressa, como se soubesse que não deveria me incentivar, mas, ainda assim, não conseguisse evitar.

— Nesse caso, estamos pagando demais para a senhora fugir das respostas.

Ri antes mesmo de conseguir decidir se queria lhe dar razão.

Meu celular vibrou. Outra mensagem de Iga apareceu na tela.

Não desista amanhã. Você prometeu a si mesma uma vida nova.

Virei o celular com a tela para baixo sobre a mesa.

Błażej percebeu o movimento, mas não tentou ler a mensagem. Aquela pequena demonstração de discrição me impressionou inesperadamente.

— Vim conversar sobre um novo projeto — disse ele. — Uma comédia romântica. Quero que a senhora a escreva.

Olhei para o envelope que aparecia parcialmente debaixo do meu bloco de anotações.

— Talvez tenha chegado tarde demais com essa proposta.

— Talvez. Mas a senhora ainda não a ouviu.

Caminhei até o vidro que separava a sala de controle do estúdio vazio. No reflexo, conseguia ver nós dois: eu, com os cabelos presos de qualquer jeito na nuca, e ele, parado junto à mesa, segurando minhas páginas.

Eu tinha trinta e oito anos e, pela primeira vez em muito tempo, sabia exatamente o que queria. Bastava dizer em voz

alta. Em vez disso, eu me perguntava por que um homem que conhecera havia poucos minutos conseguia perceber com tanta facilidade o sentido de uma cena que todos os outros tinham ignorado.

— E se eu não quiser mais escrever comédias? — perguntei.

Błażej não respondeu imediatamente. Deixou o roteiro sobre a mesa e se aproximou, parando ao meu lado, mas mantendo entre nós espaço suficiente para que eu pudesse me afastar livremente.

— Então eu gostaria de saber o que a senhora quer escrever no lugar delas.

Uma das luzes automáticas do estúdio se apagou. No vidro agora mais escuro, nossos reflexos ficaram mais nítidos.

Eu ainda podia tratar aquela conversa como um jogo profissional.

Ou podia dizer a verdade.

Só não entendia por que, diante de Błażej Ryba, um desconhecido com um olhar inquietantemente atento, aquela segunda possibilidade me parecia, ao mesmo tempo, tão tentadora e tão perigosa.

# Capítulo 1 - O preço de uma boa piada final

Na manhã seguinte, cheguei ao estúdio vinte minutos mais cedo para fazer algo para o qual vinha reunindo coragem havia seis meses. O envelope com minha carta de rescisão estava dentro da bolsa, entre a carteira e um pacote amassado de lenços de papel. Durante todo o trajeto de bonde, conferi várias vezes se ele continuava lá, como se suspeitasse que o documento pudesse aproveitar a primeira oportunidade para fugir. Eu estava decidida. Pelo menos enquanto não precisasse explicar minha decisão a ninguém.

Na entrada da sala de controle, encontrei um papel colado no vidro.

Reunião de planejamento criativo. Sala B. 9h. Presença obrigatória de Aldona Mróz.

Assinado: Błażej Ryba.

— Claro — murmurei. — Alguns homens levam flores. Outros organizam reuniões.

Na sala B, havia café, duas cópias de um roteiro e o homem que, na noite anterior, tinha me perguntado o que eu realmente gostaria de escrever. Błażej usava uma camisa clara, dessa vez sem paletó. Estava sentado à mesa, com o notebook aberto, e, quando entrei, fechou-o com tanta determinação que senti uma satisfação desagradável.

— Bom dia, senhora Aldona.

— Isso ainda está para ser visto.

— Café?

— Desde que não faça parte de alguma armadilha de negociação.

— Preto, sem açúcar. Foi assim que a senhora tomou ontem.

Parei ao lado da cadeira. Ele se lembrava. Não havia nada de extraordinário nisso, mas, ainda assim, registrei aquele detalhe com uma precisão irritante.

— O senhor observa todos os funcionários com a mesma atenção?

— Aqueles de quem depende o sucesso de um projeto.

— Então não devo me sentir especial.

— Não foi isso que eu disse.

Sentei-me diante dele, acomodando cuidadosamente a bolsa ao lado da perna da cadeira. Błażej deslizou na minha direção um documento intitulado Amor na Frequência. Logo abaixo aparecia meu sobrenome e, ao lado, uma observação: conceito a ser desenvolvido em conjunto. Não gostei daquela observação. Gostei ainda menos do fato de alguém ter usado meu nome antes que eu tivesse dado autorização.

— De onde tirou isso?

— Da diretora de programação. Ela me apresentou a senhora como a melhor roteirista de diálogos com quem já trabalhou.

— Que gentil. Normalmente, ela me apresenta como alguém que não cumpre prazos e questiona decisões.

— Ela mencionou isso também.

Abri o documento. Os personagens se chamavam Marta e Adam, mas, fora os nomes, quase nada lembrava a história

na qual eu vinha trabalhando nos últimos meses. Alguém havia acrescentado uma cena de mal-entendido envolvendo um anel de noivado, duas discussões em um restaurante e um final no qual a protagonista perdoava absolutamente tudo ao parceiro porque ele tinha contratado uma orquestra.

— Quem escreveu isso?

— A equipe criativa.

— Por favor, avise à equipe que as pessoas não deixam de ser idiotas só porque há violinos tocando atrás delas.

Błażej se recostou na cadeira.

— O que a senhora propõe?

— Começar pela honestidade. Marta não quer mais um gesto espetacular. Quer saber se Adam é capaz de permanecer ao lado dela quando não há plateia.

— É uma comédia romântica.

— Justamente por isso deveria falar de amor, não de contratação de músicos.

Ele me observou por alguns instantes. Não parecia divertido nem ofendido. Aquilo era o pior. Eu sabia convencer pessoas indignadas e desarmar pessoas que estavam se divertindo. Błażej dava a impressão de estar realmente considerando meus argumentos.

— Quero seis episódios-piloto — anunciou. — Trinta minutos cada um. Dois protagonistas, histórias secundárias com começo, meio e fim, um conflito central bem definido. Depois dos seis episódios, avaliamos os resultados e decidimos se haverá uma temporada.

— O que espera de mim?

— Que escreva a série.

— E se eu recusar?

— Procurarei outra pessoa.

Ele disse aquilo sem fazer pressão. A resposta tranquila me deixou sem o discurso que eu havia preparado sobre independência criativa. Estava acostumada com produtores que insistiam que eu deveria sentir gratidão pela oportunidade de trabalhar. Ele simplesmente me deixava escolher.

— Já tem alguém para me substituir?

— Alguns nomes.

— Então por que estamos conversando?

Błażej se inclinou sobre a mesa.

— Porque li seu roteiro. O verdadeiro, não a versão preparada pela equipe.

Senti um frio repentino, embora a sala estivesse decididamente quente demais.

— Que roteiro?

— O material que a senhora deixou ontem na sala de controle.

— Duas páginas.

— Foram suficientes para eu entender que a senhora não quer mais escrever da maneira como vinha escrevendo.

Fiquei em silêncio. Ele não tinha dito aquilo como uma crítica, mas me senti exposta. Durante anos, eu havia separado cuidadosamente Aldona Mróz, a autora de diálogos espirituosos, da mulher que às vezes não conseguia dormir porque passava tempo demais pensando em uma única frase.

— Tenho um projeto próprio — disse finalmente.

— Sei que está trabalhando em alguma coisa. Não conheço os detalhes.

— E não pretendo abandoná-lo.

— Não estou pedindo isso.

— Mas quer meu tempo, meu nome e minhas ideias.

— Sim.

— Pelo menos você é descaradamente sincero.

— Tento reservar minha cara de pau para ocasiões importantes.

Percebi que estava sorrindo. Imediatamente recuperei a seriedade.

Błażej abriu o notebook e me mostrou o cronograma. A primeira versão do episódio-piloto deveria ficar pronta em três semanas. Para dali a seis semanas, estava prevista uma gravação experimental com atores. O projeto tinha orçamento próprio, uma equipe separada e a possibilidade de distribuição futura fora da programação da emissora.

— Só existe uma condição — disse ele.

— Claro. Eu já estava começando a me preocupar com a possibilidade de você continuar sendo sensato até o fim.

— Não quero que escrevamos mais uma história sobre pessoas que passam dez episódios evitando uma conversa, quando uma única frase sincera resolveria tudo.

Soltei uma risada curta.

— Você acabou de descrever oitenta por cento das comédias românticas.

— Eu sei. Gostaria de fazer algo melhor.

— Mesmo que custe audiência?

— Se for necessário.

Observei-o com mais atenção.

— É fácil dizer isso quando não é você quem paga pelas próprias ambições.

— Eu sou responsável pelo orçamento. A senhora, pela história. Nós dois vamos pagar se não der certo.

Não havia autoconfiança exagerada em sua voz. Pela primeira vez, percebi que existia cansaço por trás daquela tranquilidade. Ainda não sabia se era consequência do trabalho ou de alguma coisa mais pessoal.

Tirei o envelope da bolsa e o coloquei diante de mim.

— Vim aqui hoje com isto.

Błażej lançou um olhar ao documento.

— Uma carta de rescisão?

— Sim.

— Entendo.

— Não vai perguntar por quê?

— Posso perguntar. Mas não gostaria que a senhora sentisse que precisa se justificar diante de mim.

Por um instante, não soube o que responder. O homem que acabara de me oferecer o maior projeto dos últimos anos não tentava tirar vantagem da minha insegurança. Aquilo deveria facilitar minha decisão. Em vez disso, tive vontade de ouvi-lo dizer que não queria que eu fosse embora.

— Você é irritante — falei.

— Já é a segunda vez que a senhora sugere isso.

— Está fazendo estatísticas?

— Apenas das conversas interessantes.

Senti o rosto esquentar e me odiei por aquela reação. Aos trinta e oito anos, eu deveria ser capaz de receber elogios sem me comportar como a protagonista de um romance mal escrito.

Cobri o envelope com a mão.

— Se eu aceitasse a proposta, precisaria ter controle total sobre os diálogos. Nada de piadas acrescentadas por pessoas que acham que uma mulher com mais de trinta anos só é engraçada quando está desesperada para encontrar um marido.

— Concordo com a direção criativa. Não posso prometer que não haverá observações editoriais.

— Também quero escolher pessoalmente meu colaborador de roteiro.

— Podemos conversar sobre isso.

— E nenhuma alteração no final sem minha aprovação.

Błażej refletiu por alguns instantes.

— Nesse caso, também tenho uma condição.

— Estou ouvindo.

— Não vamos esconder cenas sérias atrás de piadas apenas porque temos medo das consequências delas.

Olhei para ele com desconfiança.

— Você está falando de trabalho?

— Do roteiro, senhora Aldona.

Não respondi. Havia alguma coisa na maneira como ele pronunciou meu nome que fez com que eu ouvisse, de repente, com uma clareza extraordinária, o tique-taque do relógio acima da porta.

— É uma condição difícil — admiti.

— Para a senhora?

— Para qualquer pessoa que já tenha tentado dizer algo importante a alguém.

Błażej parou de sorrir. Durante um breve instante, nos encaramos sem a proteção confortável dos argumentos profissionais.

Então afastei o envelope.

— Não prometo que vou ficar.

— Não espero uma promessa.

— Preciso de tempo até amanhã.

— Tudo bem.

— E não pense que me convenceu com essa sua voz tranquila.

— Isso nem me passaria pela cabeça.

Levantei-me, levando o roteiro comigo. Perto da porta, ainda parei por um instante.

— E você, senhor Ryba, consegue dizer alguma coisa importante sem fazer piada?

Ele não respondeu imediatamente.

— Profissionalmente? Sim.

— E na vida pessoal?

Seu olhar permaneceu sobre meu rosto.

— Ainda estou trabalhando nisso.

Saí antes que tivesse tempo de responder alguma coisa da qual pudesse me arrepender depois.

Antes do meio-dia, conversei com a diretora de programação. Não entreguei a carta de rescisão. Em vez

disso, informei que precisava de dois dias para decidir sobre a continuidade da nossa colaboração. Ela ficou surpresa, mas concordou sem muita resistência. Aparentemente, o novo projeto tinha grande importância para a emissora.

Depois da reunião, me tranquei em uma pequena sala de edição. Tirei meu próprio roteiro da bolsa e li a última cena. Nela, a protagonista dizia que amava um homem que nunca havia aprendido a ficar. Não havia piada. Não havia música. Apenas o silêncio depois de uma frase que não podia ser retirada.

Foi então que compreendi que era justamente daquele silêncio que eu tinha medo.

Meu celular tocou alguns minutos depois.

— E então? — perguntou Iga.

— Não entreguei a carta.

— Aldona.

— Eu sei.

— Não, você não sabe. Prometeu a si mesma que não ficaria só porque alguém ofereceu um pouco mais de dinheiro e uma caneca nova com o logotipo da emissora.

— Ninguém ofereceu caneca nenhuma.

— Que escândalo. Você deveria pedir demissão imediatamente.

Ri, mas dessa vez o riso não resolveu o problema.

— Conheci um produtor — contei.

Do outro lado da linha, houve silêncio.

— E?

— Ele é inteligente. Sabe ouvir. Não me trata como uma máquina de fabricar piadas.

— Parece suspeito.

— E é irritantemente bonito.

— Ah, entendi.

— Não começa.

— Não começa o quê?

— Esse seu "ah, entendi" cheio de significado.

Iga suspirou.

— Não estou preocupada porque você gostou de alguém. Estou preocupada porque vai confundir outra vez o interesse por uma pessoa com um motivo para abrir mão dos próprios planos.

Suas palavras doeram porque tocaram em algo que eu vinha tentando esconder havia muito tempo. Alguns anos antes, permaneci em um relacionamento muito mais tempo do que deveria, convencendo a mim mesma de que o amor exigia paciência. Na verdade, aquele amor exigia que eu ocupasse cada vez menos espaço na minha própria vida.

— Não vou abrir mão de nada — respondi baixinho.

— Então tenha certeza de que ele entende isso.

Depois de desligar, voltei à sala B. Błażej já não estava lá, mas havia um papel sobre a mesa, com uma anotação escrita à mão.

Se decidir escrever, por favor, comece por uma cena em que os personagens não conseguem dizer a verdade. Tenho a impressão de que a senhora conhece bem esse assunto.

Logo abaixo havia um número de telefone.

Fiquei olhando para aquelas palavras por mais tempo do que seria razoável.

Não sabia se Błażej Ryba acabara de me propor um desafio profissional ou se havia interpretado minha vida com uma precisão perigosamente desconcertante.

Só sabia que, pela primeira vez em meses, queria me sentar e escrever não porque precisava, mas porque alguém havia colocado diante de mim uma pergunta cuja resposta eu desconhecia.

E isso era muito mais arriscado do que qualquer contrato.

# Capítulo 2 - As regras do jogo

Às nove da manhã do dia seguinte, enviei uma mensagem a Błażej.

Aceito a proposta se nos encontrarmos fora do estúdio e conversarmos como dois adultos que não estão tentando vender um ao outro a ideia de sucesso.

Ele respondeu sete minutos depois.

Tudo bem. Cafeteria na rua Włodkowica. Dezessete e trinta. Sem apresentações nem gráficos.

Acrescentei:

E sem discursos motivacionais.

Vou tentar sobreviver sem eles.

Durante o restante do dia, tentei trabalhar em um episódio atrasado do programa, mas cada frase me parecia artificial. Mais uma vez, a protagonista deveria interpretar mal as palavras do noivo e provocar uma discussão que poderia ser resolvida com uma única pergunta. Escrevi três versões da cena. Todas estavam corretas. Nenhuma me dava prazer.

Às quatro da tarde, fechei o notebook e observei meu reflexo na tela escura. Arrumei os cabelos, soltei-os e depois prendi novamente. Fiquei irritada comigo mesma por sequer me preocupar com aquilo. Afinal, eu iria conversar sobre trabalho, não me preparar para um encontro romântico.

Por fim, escolhi uma calça escura, uma blusa simples e um casaco. Nenhum esforço especial. Pelo menos era essa a versão dos acontecimentos que eu pretendia apresentar a Iga, caso ela perguntasse.

A cafeteria era pequena, com mesas de madeira e janelas voltadas para a rua molhada pela chuva. O ar tinha cheiro de café, canela e pão recém-assado. Błażej estava sentado a uma mesa nos fundos. Diante dele havia uma xícara de espresso e, ao lado, um caderno de anotações.

Quando me viu, levantou-se.

— Senhora Aldona.

— Se continuar me chamando de "senhora", vou ter que acrescentar isso aos meus honorários.

— Błażej.

— Aldona.

Apertamos as mãos. Seu aperto era firme, mas sem ostentação. Ele não segurou minha mão nem um segundo além do necessário para a cortesia.

Por algum motivo pouco claro, percebi isso com uma ponta de decepção.

Sentamo-nos. Pedi chá com limão, embora normalmente tomasse café. Błażej afastou o caderno para o lado.

— Antes de começarmos, quero esclarecer uma coisa — disse.

— Parece o início de uma conversa sobre corte de orçamento.

— Não pretendo pedir que você abandone seu projeto pessoal.

Olhei para ele com mais atenção.

— Você nem sabe do que se trata.

— Não preciso saber. Você disse que é importante para você. Isso basta para que eu o leve a sério.

Senti um aperto desconfortável na garganta. Eu estava preparada para negociar dinheiro, prazos e direitos autorais. Não esperava que o maior obstáculo dentro de mim fosse provocado pelo simples reconhecimento das minhas ambições.

— E se os dois projetos começarem a competir entre si?

— Então estabeleceremos prioridades. Não quero construir um programa com base na ideia de que alguém deve sacrificar a vida inteira por uma única produção.

— Está dizendo isso como produtor ou como pessoa?

Błażej ficou algum tempo girando a xícara entre os dedos.

— Antigamente, eu teria dito que não existe diferença.

— E agora?

— Agora sei que essa é uma convicção muito perigosa.

Ele não desenvolveu o assunto. Percebi, porém, que, pela primeira vez desde que nos conhecêramos, não tinha uma resposta imediata. Aquela pequena demonstração de incerteza fez com que me parecesse mais humano.

Tirei da bolsa um caderno com os pontos que havia preparado.

— Muito bem. Estas são minhas condições.

— Estou ouvindo.

— Trabalho no roteiro três dias por semana. Reservo os outros dois para meu projeto pessoal. Não assino exclusividade. Mantenho o direito de recusar alterações que prejudiquem o sentido da história. E não aceito uma situação em que a versão final do roteiro seja preparada pelas minhas costas.

Błażej ouviu sem interromper. Quando terminei, anotou algumas observações.

— Três dias talvez não sejam suficientes, considerando o prazo do primeiro piloto.

— Nesse caso, procure outra roteirista.

Eu disse aquilo tranquilamente. Não estava blefando.

Błażej me olhou por cima do caderno.

— Não quero outra roteirista.

Aquela frase permaneceu entre nós por mais tempo do que deveria.

— Profissionalmente? — perguntei.

O canto de sua boca se moveu.

— Por enquanto, estamos falando de trabalho.

— Sensato.

— Nem sempre sou sensato.

Desviei os olhos para a janela. Do lado de fora, um casal passava debaixo do mesmo guarda-chuva. A mulher ria enquanto tentava desviar de uma poça, e o homem a segurou delicadamente pelo cotovelo. O gesto durou um segundo. Foi suficiente para me fazer pensar em como era fácil escrever cenas assim e como era difícil acreditar que elas pudessem realmente acontecer.

— Proponho outra solução — disse Błażej. — Três dias fixos de trabalho no roteiro. Reuniões adicionais somente com o consentimento de ambos e agendadas com antecedência. Se precisarmos de mais tempo, primeiro discutiremos a possibilidade de alterar o cronograma. Só depois falaremos sobre sua disponibilidade.

— E a diretoria?